

A PESQUISA EDUCACIONAL NO BRASIL: IMPASSES E DESAFIOS¹

José Luis Sanfelice²

RESUMO: Este texto reflete sobre algumas implicações da globalização econômica, do movimento denominado pós-moderno e do neoliberalismo para o fazer científico nos dias de hoje. O destaque é para as ciências humanas, assaltadas pelo que se convencionou identificar por crise dos paradigmas tradicionais, substituídos por propostas autoproclamadas inovadoras. Procura-se manter um posicionamento crítico em relação às perspectivas novidadeiras que pouco (ou nada) acrescentam à compreensão do mundo capitalista do início do século XXI.

PALAVRAS-CHAVES: Globalização; pós-modernidade; neoliberalismo; ciências humanas; pesquisa; educação.

ABSTRACT: This text reflects about some implications of the economic globalization, the movement known as post-modernism and neoliberalism to the scientific practice nowadays. The focus is on social sciences, invaded by what is conventionally identified as traditional paradigms crisis, replaced for self-denominated inovating propositions. The main purpose is to keep a critical view of the newest perspectives that barely nothing add to the capitalist world comprehension in the beginning of the XXI century.

KEY-WORDS: Globalization; post-modernism; neoliberalism; social science; research; education.

¹ Este texto, na sua forma original, resultou da Aula Inaugural proferida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos em 02/04/03. Na versão atual, foi reapresentado ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Sorocaba, em 21/05/03 como parte das atividades "Colóquios".

² Professor do DEFHE/FE/UNICAMP, pesquisador do HISTEDBR; colaborador do PPGE-Uniso.

A OPORTUNIDADE que me é dada para dialogar com os senhores e as senhoras no dia de hoje, viabiliza-me visitar um tema que em outras oportunidades tenho tangenciado.

Em ocasião mais ou menos recente publiquei um artigo com o título "Pesquisas e ciências humanas no Brasil: soluções e/ou impotências", resultante da minha inserção no III Seminário do Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR) – GT Sergipe (Sanfelice, 2001a).

Naquele trabalho optei por uma abordagem no interior do debate sobre as ciências humanas hoje, assaltadas pelos ares do que se convencionou denominar de pós-modernidade e a difundida crise de paradigmas. Utilizando-me de um texto de P. Anderson (1999) acompanhei a trajetória do termo pós-modernidade, usual no mundo das artes, mas que somente ganhou estatuto filosófico quando J. F. Lyotard publicou em 1979 sua obra "A condição pós-moderna", relacionando-o com o surgimento de uma sociedade pós-industrial na qual o conhecimento tornara-se a principal força econômica de produção. Esvaia-se assim a credibilidade das narrativas atreladas à Revolução Francesa e ao idealismo alemão, porque a ciência juntava-se ao capital, ao Estado e a verdade ficava reduzida ao desempenho e à eficiência.

P. Anderson argumenta que a própria história daria menos razão a J. F. Lyotard pois a profunda mudança da conjuntura mundial dos anos 80, com a euforia do capitalismo triunfante, a ofensiva ideológica de direita, o colapso do bloco soviético, viabilizou pela primeira vez na história o domínio da mais grandiosa de todas as narrativas: uma história única e absoluta de liberdade e prosperidade, a vitória global do mercado, o neoliberalismo. O pós-moderno passou a ser uma sentença contra as ilusões alternativas.

Referindo-se a J. Habermas, autor do discurso "Modernidade – um projeto incompleto" pronunciado em Frankfurt em 1980, P. Anderson vê também ali uma crítica ao projeto iluminista, pois este em parte perdeu o seu rumo. A diferenciação entre ciência, moralidade e arte, com suas próprias normas, verdade justiça e beleza, acabou em especialização esotérica de cada uma delas, sem alcançar e enriquecer o fluxo subjetivo da vida cotidiana e sem penetrar os recursos comuns da comunicação diária.

Havia ainda a menção a F. Jameson, lembrado pela sua conferência proferida em 1982 e na qual apontou cinco pontos essenciais: a) o mais fundamental: o pós-moderno está ancorado em alterações objetivas da ordem econômica do próprio capital; b) entre os traços da nova subjetividade está a perda de qualquer senso ativo de história, seja como esperança, seja como memória; c) o pós-moderno expandiu-se praticamente à todas as artes e em grande parte do discurso sobre elas; d) as bases sociais e o padrão geopolítico do pós-moderno é o capitalismo avançado que continua sendo uma sociedade de classes, mas nenhuma classe dentro do sistema é a mesma de antes; e) finalmente uma pergunta: qual seria a atitude adequada face à pós-modernidade? Lamentar-se porque seria uma corrupção do moderno? Celebrá-la como uma emancipação? Condená-la de forma moralista?

Pois bem: iniciei esta tentativa de reflexão retomando brevemente aqueles meus escritos porque, em primeiro lugar, sinto-me incapaz de tentar abordar o tema de hoje, sem relacioná-lo de uma forma direta com os embates que povoam as ciências humanas e que atingem em graus diferentes os sujeitos que aí pontificam.

Por falar em sujeitos, lembro-me do extraordinário pensador Álvaro Vieira Pinto, autor de "Ciência e Existência" (1969), que se refere à necessidade da compreensão filosófica da pesquisa científica:

A pesquisa científica constitui um tema a cuja consideração o homem de ciência, em geral, e o pesquisador, em particular, não podem deixar de se dedicar. Qualquer que seja o campo de atividade a que o trabalhador científico se aplique, a reflexão sobre o trabalho que executa, os fundamentos existenciais, os suportes sociais e as finalidades culturais que o explicam, o exame dos problemas epistemológicos que a penetração no desconhecido do mundo objetivo suscita, a determinação da origem, poder e limites da capacidade perscrutadora da consciência e tantas outras questões deste gênero, que se referem ao processo da pesquisa científica e da lógica da ciência, não podem ficar à parte do campo de interesse intelectual do pesquisador, que precisa conhecer a natureza de seu trabalho, porque, (...) este é constitutivo da sua própria realidade individual.

E Álvaro V. Pinto avança:

A ciência só pode tornar-se um instrumento de libertação do homem e de seu mundo (...), se for compreendida por uma teoria filosófica que a explique como atividade do ser humano pensante e revele pleno significado de indagação em face da realidade natural e social. Uma filosofia da pesquisa científica, que incorporará naturalmente toda a reflexão sobre a metodologia da investigação, a lógica do raciocínio científico e a sociologia da ciência, é o pressuposto indispensável à formação da consciência do trabalhador neste campo da cultura, tão indispensável quanto os conhecimentos particulares técnicos de que deve estar munido para empreender sua atividade.

Faço minhas muitas destas ponderações porque no cenário produtivista, quantitativo e burocrático, de uma produção científica que precisa ser medida e com prazos e datas fatais para a permanência dos financiamentos, quando os há, quantos de nós somos capazes de refletir sobre o trabalho de pesquisa que realizamos, sobre seus fundamentos existenciais, seus suportes sociais e as finalidades culturais que o explicam? Às vezes, parece-me que se tornou totalmente inoportuno o exame dos problemas epistemológicos imbricados em todo e qualquer fazer científico e os pesquisadores, hoje, dispensam até mesmo, na sua formação, o conhecimento da lógica. De qualquer lógica.

Evidentemente esta não é uma situação exclusiva da pesquisa educacional no Brasil. Primeiro porque o quadro é muito semelhante em todas as ciências humanas. Segundo porque este quadro não é local, mas mundial³. Temos nossas especificidades! Quer porque estamos buscando nos constituir como uma Área de Conhecimento ou porque estamos no Brasil.

Em outro texto de minha autoria, Pós-Modernidade, Globalização e Educação (Sanfelice, 2001b), retornei ao trabalho de P. Anderson, já citado, para observar que ele delineia um quadro para a denominada pós-modernidade, estabelecendo sua base material objetiva na ordem econômica do próprio capital. Pós-modernidade e globalização econômica entrelaçam-se e a primeira é cúmplice da lógica de mercado e a sua

³ Ver, por exemplo, publicação do Caderno Mais! Folha de S. Paulo, 24 de nov. de 2002, artigo intitulado Ciência Nova, cujo teor é um manifesto de 20 especialistas reunidos na Universidade de Stanford.

identidade é com a direita (política e ideológica). Pós-modernidade é uma cultura da globalização e da ideologia neoliberal. Impõem-se, como se fossem absolutas e daqui em diante eternizadas, a pós-modernidade, a globalização, a lógica de mercado e o neoliberalismo que, apesar do relativismo das posturas pós-modernas, é a única grande narrativa que se torna hegemônica. É o fim da história realizada em um capitalismo global triunfante para poucos, ou o fim da história por que ele nos conduz à barbárie?

É neste cenário que as ciências humanas se debatem e por consequência a pesquisa educacional que por não ser unívoca, recebe o aporte da sociologia, da economia, da história, da psicologia, da antropologia, da filosofia etc.

Na Introdução ao livro *Domínios da História*, *Ciro F. Cardoso (1997)* – fez uma objetiva apresentação do que denominou de Paradigma Iluminista (ou moderno) e Paradigma Pós-Moderno.

O primeiro paradigma encontra-se ameaçado em sua hegemonia e contestado nos seus princípios de razão, progresso humano e cientificidade. Suas preocupações essenciais voltavam-se para a inteligibilidade, a explicação, a expulsão ou pelo menos a delimitação do irracional, do acaso, do subjetivo e os seus procedimentos eram analíticos, quer das estruturas ou macro-estruturas, explicativos, sendo estes alguns dos aspectos centrais de sua racionalidade e sua cientificidade assumida. De modo diferenciado positivistas e marxistas alimentaram-se destas fontes. Para *Cardoso*, um conjunto de críticas a este paradigma alicerça-se em um semi-racionalismo (*Popper*, *Chomsky*) ou mesmo em um irracionalismo (*Nietzsche*, *Heidegger* e, no âmbito da ciência, *Kuhn*). O desencanto com o progresso leva à contestação da possibilidade de explicação racional do social, do humano que não passaria de uma ilusão cientificista e perniciosa porque em torno dela se constituiria um saber terrorista a serviço do poder e evacuador de outros saberes. E a crítica no plano temático cobra a ausência ou insuficiência de suas preocupações com os indivíduos e a subjetividade. Passam a predominar as afirmações sobre a falta de sentido da história ou sobre a impossibilidade de se construir novas grandes narrativas.

O paradigma pós-moderno, segundo *Cardoso*, aponta para o particular: não há história, há histórias. Veja-se, por exemplo, na pesquisa educacional como cresce a cada dia a denominada história de vida, ou a biografia de autores.

O segundo ponto deste paradigma é a descrença em valores universais substituído por um certo niilismo intelectual contemporâneo, com seu relativismo absoluto e sua convicção de que o conhecimento se reduz a processos de interpretação (hermenêutica), tornando-se impossível pretender o consenso (*Nietzsche*, *Heidegger*, *Foucault* etc).

Trata-se pois de uma velha postura filosófica que afirma a impossibilidade de se conhecer a verdade, ou de que não há uma verdade objetiva universal, mas sim e somente verdades subjetivas, ou seja, a verdade de cada um. No limite a ciência do paradigma iluminista passa a ser substituída pelo “eu acho”, “eu penso”, tornando-se todas as manifestações subjetivas igualmente válidas. Na pesquisa educacional crescem consideravelmente as produções de autobiografia, até como dissertação ou tese, ou de um modelo que se passou a denominar de auto-história. Já me deparei também com textos em que seus autores explicitam não ter comprometimento com a verdade, já que ela está agora totalmente relativizada. Há dissertações e teses que se dedicam a transcre-

ver as memórias de um professor em que o pesquisador destaca o seu papel de provedor do relato, “garantidor” da preservação da memória e não cabendo-lhe mais nenhum papel além deste. O texto escrito será objeto posteriormente da lingüística. Crescem também em número as dissertações e teses que trabalham com a representação que um professor(a) ou pequeno grupo deles fazem da escola, da profissão ou algo correlato.

Eu já afirmei que, hoje, no âmbito em que se desenvolve a pesquisa educacional, parece que se tornou inoportuno o debate epistemológico, substituído por um relativismo radical. Como diz Cardoso (1997) “as interpretações são necessariamente múltiplas a respeito de um dado tema; e inexistem formas aceitáveis de escolher entre elas. São todas válidas se satisfizerem aos critérios do autor e daqueles que com ele concordarem”. Esta situação lembra-me muito a atuação de boa parte dos grupos de pesquisa instalados hoje nos programas de pós-graduação.

Há um imenso correlato social desta situação que acabo de apontar, pois na globalização econômica e nos princípios do neoliberalismo predomina essencialmente a lógica do individualismo e não é por acaso que na educação fazem sucesso as teorias das competências e no mercado livreiro ganha espaço avassalador a literatura de auto-ajuda, bem como a expansão do poder das igrejas sobre o controle do comportamento da população e também o poder das redes de comunicação. É um salve-se quem puder, no âmbito da vida, ou no campo da pesquisa educacional, porque tudo se relativizou, inclusive na vida privada, os laços de afetividade.

Outro aspecto decorrente das novas posturas presentes na pesquisa educacional é que a adesão ao paradigma pós-moderno, freqüentemente é feita sob o pretexto de que o paradigma iluminista está morto e superado, mas sem que o pesquisador efetivamente o conheça. Bastaria observar a ausência gritante do estudo dos autores clássicos nos programas da área hoje. Lê-se mais autores que se citam mutuamente do que os clássicos. A pauperização e a irrelevância social dos trabalhos, muitas vezes custeados pelo dinheiro público, chegam cada vez com maior freqüência a se aproximar do senso-comum e nem mesmo do núcleo de bom senso que este pode ter. Mas não se tornou modismo a valorização dos diferentes saberes? Todos não são igualmente válidos? Não prevalece a verdade de cada um?

E o rigor metodológico da pesquisa? Por que impor-se a disciplina do método investigativo se tudo pode ser, inter, trans, multidisciplinar e conseqüentemente sem disciplina nenhuma?

Enfim, do ponto de vista do cenário presente nas ciências humanas ou sociais, impasses é o que não nos falta na pesquisa educacional, pois do ponto de vista dos paradigmas presentes e conflitantes, com as decorrentes implicações metodológicas para a área, tudo está a exigir de nós um mergulhar profundo nos embates de natureza epistemológica. Mas observemos que os adeptos dos diferentes paradigmas não estão de acordo sobre isto.

Entretanto, retomo a questão já formulada por F. Jameson: qual seria a atitude adequada face à pós-modernidade? Lamentar-se porque seria uma corrupção do moderno? Celebrá-la como uma emancipação? Condená-la de forma moralista?

A resposta formulada pelo autor e que incluí naquele segundo meu artigo aqui já referido (Sanfelice, 2001b) é o seguinte:

A cumplicidade da pós-modernidade com a lógica do mercado e do espetáculo é inequívoca. Mas a sua simples condenação é inútil. A questão não é ética, mas de juízos complexos e ambivalentes de uma perspectiva mais propriamente política e dialética. Uma crítica autêntica da pós-modernidade não pode ser uma recusa ideológica da mesma. Ao contrário, a tarefa dialética seria abrir caminho por meio dela, de forma tão completa que nosso entendimento da época emergisse transformado. Uma compreensão totalizante do novo capitalismo ilimitado – teoria adequada à escala global de suas conexões e disjunções – continua sendo o irrenunciável projeto marxista.

Nada esconde, portanto, a continuidade da sociedade capitalista nos dias de hoje, sejamos iluministas ou pós-modernos. Mas pelo inédito da nova conjuntura, delineada há séculos e bem caracterizada no Manifesto Comunista, Lanni (1997) é levado a afirmar:

O globalismo tanto desafia as nações e as nacionalidades como as mais diversas correntes teóricas das ciências sociais. Todas essas ciências defrontam-se com os desafios do globalismo, pela sua originalidade como objeto de reflexão e pelas urgências de sua interpretação (...). São tantos e tais os desafios assim gerados que em todo o mundo as ciências sociais buscam e rebuscam conceitos, categorias e interpretações.

Acontece que a mesma ruptura histórica que constitui o globalismo revela-se simultaneamente uma ruptura epistemológica.

Penso que o correlato dessa implicação para a pesquisa educacional é, por exemplo, a redefinição imensa que a globalização econômica e a reestruturação do trabalho produtivo, também em nível mundial, vem fazendo hoje da educação. A privatização do ensino, as políticas educacionais, as determinações para a Educação do FMI, do Banco Mundial, do BIRD, da Unesco e outras agências vão dando novos contornos ou novas roupagens ao nosso objeto de estudo. Os novos currículos e seus pressupostos, as novas formas de gestão, o financiamento, os sistemas de avaliação, as finalidades das diferentes modalidades e níveis de ensino, a formação de professores etc., enfim tudo o que constitui-se em nosso objeto de pesquisa e a própria condição material em que a pesquisa é feita, (as bolsas, as áreas consideradas prioritárias, as exigências das Agências para os programas) está vivendo uma profunda ebulição para acomodar-se mais e mais à produtividade e ao império da lógica de mercado.

Os desafios para o fazer científico são exatamente o de instrumentalizar-se teórica e metodologicamente de maneira a poder dar conta desta outra constituição do mesmo objeto, ou seja, a educação. Evidentemente que os que já desacreditaram da possibilidade de fazer ciência, estes não terão tal desafio pela frente. Não é por acaso que dissertações ou teses venham se aproximando mais da literatura e do jornalismo e nem é por acaso que os espaços editoriais se abram com relativa facilidade a elas. Um tributo à despolitização das consciências e das ações na medida em que nem a literatura e o jornalismo estão necessariamente atrelados aos parâmetros do fazer científico.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, P. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.). **Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

IANNI, O. **A era do globalismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MAIS! Ciência Nova. São Paulo: **Folha de S. Paulo**, 24 nov. 2002.

PINTO, A. V. **Ciência e existência.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

SANFELICE, J. L. (a). Pesquisas e ciências humanas no Brasil: situações e/ou impotências. **Quaestio: Revista de Estudos de Educação.** Sorocaba, ano 3, n.1, p.11-15, maio 2001.

SANFELICE, J. L. (b). Pós-modernidade, globalização e educação. In: LOMBARDI, J. C. (org.). **Globalização, pós-modernidade e educação.** Campinas: Autores Associados/HISTEDBR; Caçador, UnC, 2001. p. 3-12.

